

Sob o céu estrelado de Pombal: fragmentos recompostos

fundada por teodócio de oliveira lêdo, pombal foi erguida sobre os corpos dos índios ariús, Coremas, Panatis e Pegas, todos da grande nação Cariri, e de negros fugitivos, levando-nos a crer na existência de u grande quilobo a região, o que justificaria a presença de Domingo Jorge Velho no alto Sertão paraibano, por volta de 1966. De regra foi o mesmo que aconteceu com tantas outras cidades interioranas do Brasil colônia no seu processo de ocupação.

esses povos, índios e negros fugitivos, também, “colaboraram” na fundação de outras cidades, a exemplo de Campina Grande, para onde foram levados acorrentados pelo mesmo mercenário que se intitulava Bandeirante à procura de ouro, que, a verdde, era apeas um pretexto para caçar e escravizar índios, em troca de grandes extensões de terra,.

O nome da cidade faz uma injusta homenagem ao Marquês de Pombal, Sebastião José de Carvalho, primeiro-ministro de D. José I, Rei de Portugal, perseguidor de Jesuítas e responsável pela dizimação dos Guaranis. Na sua biografia consta a invasão e destruição das Missões Jesuítas no rio Grande do Sul. a cidade, no entanto, não pode ser responsabilizada por estes fatos históricos.

não se sabe, com certeza, o que levou à mudança de nome de Arraial de Piancó e mais tarde Povoação de Nossa Senhora do Bom Sucesso do Piancó para Pombal, uma vez que o ilustre português entrou para a história do país como um truculento e cruel administrador que não mediu esforços para atingir seu objetivo que era manter a colônia cada vez mais sbissa aos seus colonizadores.

pombal foi o primeiro no alto Sertão da paraíba. viveremos uma época em que o leiteiro e o padeiro cruzavam as madrugadas frias, deixando, em cada soleira de porta dos seus fregueses o leite e o pão feito na padaria de Seu Napoleão que, sem dúvida nenhuma seria encontrado pelos moradores sonolentos nos primeiros raios de sol da manhã, exceto em algumas casas que ficavam no caminho dos estudantes do Colégio Diocesano.

Falo do tempo em que Zé do Bigodão, eletricista da prefeitura, com um acendedor de lampiões saído diretamente das histórias de Exupéry, pendurava-se nos postes de maneira firmado pelo seu cinto mil utilidades para acender as poucas lâmpadas da cidade e que, querendo dar o devido valor ao seu trabalho, pois sentia-se como Deus em gênese, não aciona a chave que substitui as trevas pela claridade da luz elétrica, enquanto não aparecesse pelo menos dúzia de curiosos espectadores.

Não é, no entanto, um livro que venha resgatar os fatos do ponto de vista histórico e didático. Para tanto, seria necessário mais dedicação e pesquisa. É apenas, creio eu, um livro que tentará contar algumas histórias acontecidas em uma cidade do interior através de cuja leitura, com certeza, muitos leitores verão de volta correndo pelas ruas.

São histórias que quero registrar pelo menos para meus filhos que, inclusive, já estão cansados de ouvi-las. É uma oportunidade que eu estou dando para que e eles tenham uma ideia do que era viver uma cidade do interior onde apenas o rádio, através da Voz do Brasil, e alguns jornais da semana anterior nos mantinham informados dos acontecimentos.

Referência

ARAÚJO, Jerdivan Nóbrega. **Sob o céu estrelado de Pombal**: fragmentos recompostos. João Pessoa: A União, 1997. 169 p.